

Apresentação

Após ser encarcerado em Vincennes, em 1777, Sade iniciou a escrita de seu *Le Voyage d'Italie*, que se propunha a apresentar a Itália por meio de uma sequência de cartas endereçadas a uma condessa e a um conde, mantidos no anonimato, como frequentemente se via nos romances epistolares de então. Salvo por esse traço, o texto lembra mais um diário de viagem, gênero também bastante difundido no século XVIII.¹

O projeto foi abandonado, mas não o hábito da escrita. Apesar dos desgostos e problemas com a censura, Sade alcançou gradualmente prestígio junto ao público leitor, na França, no fim do século XVIII e início do século XIX. O deboche e a ironia de sua escritura funcionaram como chamariz para algumas de suas obras, como é o caso de *La philosophie dans le boudoir* (talvez sua obra mais conhecida na atualidade), livro publicado em 1795 e que prometia ser uma obra póstuma do autor de *Justine*. O autor fazia com isso uma brincadeira com o leitor, deixando-o em dúvidas sobre ser esse o último vestígio de tão conhecido romancista. A brincadeira também servia como anúncio da consagração do livro anterior, o que provavelmente deve ter irritado ainda mais a uma parcela dos

¹ Maurice Lever defende, em oposição ao que se pensava, que a vocação literária de Sade não nasceu na prisão. Para o historiador, a trajetória de Sade é marcada por indícios de uma motivação para escrever e publicar seus textos, diferentemente de seu pai, que se contentou apenas com a arte da escritura, numa manutenção da imagem tradicional da nobreza diletante. Cf. LEVER, M. *Donatien Alphonse François, marquis de Sade*, p.133.

intelectuais que, como Restif de la Bretonne, via em Sade uma escritura ficcional em louvor à corrupção e à violência nas práticas do amor.

Crítico contundente da sociedade e defensor das liberdades (termo polissêmico no século XVIII), Sade agravou a inimizade e indisposição ao se fazer uma figura polêmica, marcada por uma vida devoluta, de hábitos sexuais exageradamente exóticos e tornada ameaçadora aos costumes de então, dada a recorrência das queixas familiares e dos suplícios aos quais submeteu alguns camponeses em suas práticas sexuais. Isso resultou em escândalo que praticamente apagou outros traços de sua vida. Pouco se lembra, por exemplo, que em pleno regime popular de Robespierre, ele ousou defender sua sogra da pena de morte, mesmo sendo ela a responsável pelo seu encarceramento em alguns momentos anteriores. Essa atitude, que não se baseava em defesas dos valores morais da família, manifestava uma firmeza na defesa de princípios que negavam ao Estado qualquer prerrogativa de aplicação de penas corporais, principalmente o direito de execução.²

Em 1814, quando faleceu, vivia em Charenton, recluso e até pouco tempo antes, basicamente envolvido com a atividade teatral. Era renomado e influente o suficiente para que recebesse essa pena, numa demonstração dos esforços em apagá-lo da memória francesa. Esse projeto prosseguiu mesmo após sua morte, já que, apesar de seu destaque no meio cultural do fim do século XVIII e começo do século XIX, nenhuma menção lhe foi feita em manuais de literatura francesa até o século XX.

O banimento físico e intelectual em certa medida mostrou-se inconcluso e fracassado, pois ao escrever peças de teatro, sua voz acabou por ecoar para fora

² Esse episódio teve como resultado para Donatien de Sade a perda de seu cargo público e um julgamento que quase o conduziu à guilhotina em outubro de 1794. Cf. PHILLIPS, J. *The Marquis de Sade*, p.09.

dos muros de Charenton. Saint-Beuve, em 1862, usou o adjetivo sádico, já corrente em estudos de clínica médica, para criticar os excessos de *Salamambo*, romance de Flaubert publicado naquele ano.³ Desde o fim do século XIX, assistiu-se, também, a uma crescente recuperação de seus escritos pelos surrealistas, por feministas e participantes de movimentos em defesa dos direitos das minorias, o que fez com que sua escritura fosse projetada como marco das liberdades, numa associação à defesa da posse do corpo.

Mesmo assim, mais que lidos e pensados em seu momento histórico, aos textos de Sade sobrepõem-se continuamente sentidos extemporâneos, próprios aos conflitos vivenciados pelo Ocidente no fim do século XIX e, principalmente, durante o século XX. A construção do verbete sadismo funcionaria dentro desse esforço de compreensão e banimento que o discurso clínico (médico e psicológico) produziu: catalogado, Sade tornou-se vocabulário corriqueiro, referência sem potência e energia filosófica.

Não que estejam ausentes esforços interpretativos que busquem perceber os sentidos dos textos de Sade em diálogo com os debates ocorridos na França do século XVIII e início do século XIX. Apenas não tem sido esse o viés recorrente. Os homens de nosso tempo são muito prontos em consumir e pouco dispostos a dedicar-se a análises pormenorizadas, atentas ao contexto sócio-histórico de produção dos textos. O tema do consumo e da resignificação tem se tornado uma obsessão, já que em nossa sociedade, cada vez mais massificada, tudo tende a tornar-se mercadoria. Nesse caso, tanto se empreende um consumo acelerado e empobrecedor de Sade, tomado como ícone a ser estampado em frases de movimentos juvenis, quanto seus livros passam a ser percebidos como partes de

³ Cf. SAINTE-BEUVE, C.-A. *Salamambo*, par M. Gustave Flaubert (Lundi 8 décembre 1862). In *Nouveaux Lundis*. Tome IV, p.31-95; 435-448.

uma literatura classificada como *best-seller*. Instaurado o tempo de maior divulgação, assiste-se gradualmente ao esvaziamento dos sentidos.

Percebemos também que, a esse traço consumista de nossa época, somou-se o espanto dos homens no período das duas Grandes Guerras. O horror criou desejos de descoberta de origem, num empreendimento de fazer a genealogia do mal. *120 journées de Sodome* foi, nesse sentido, eleita a obra-prima de Sade e, para Pasolini, sua estética pôde ser associada à sociedade totalitária. Mesmo que não haja necessariamente uma identidade perfeita entre as orgias e excessos apresentados como experiências ocorridas no Castelo de Silling, ambiente do romance de Sade, e as práticas de domínio e controle facistas, com *Salò*, Pasolini recriou Sade, encontrando nele um motivo para denunciar uma sociedade em que tudo é consumido, até mesmo corpos, numa busca hedonista por um prazer que se revela o fim em si mesmo.⁴

Vassort, por sua vez, aprofunda as relações de Sade com a modernidade, percebendo Silling e seus libertinos como símbolos da produção capitalista de desejos, numa espécie de economia das pulsões e nas práticas sexuais controladas por práticas de maximização de prazer. Assim, mais que uma releitura de Sade, haveria uma interpretação genética do horror.⁵

Não há em si um problema quanto às percepções contemporâneas da obra de Sade. Elas aparecem como opções de análise que servem ao tempo presente. Entretanto, o esforço de escritura do autor direcionou-se ao seu tempo, com ele dialogando numa tentativa de apresentar soluções para os problemas vigentes naquele momento. Restringi-lo a análises estranhas a sua época acaba por ser uma

⁴ Cf. *Salò o le 120 giornate di Sodoma*. Direção Pier Paolo Pasolini, Itália, 1975; SCHÉREER, R. L'enfer de l'hédonisme, *Multitudes*, nº18, vol.04, p.177-185, automne 2004.

⁵ Cf. VASSORT, P. Sade e o espírito do capitalismo, *Le monde diplomatique Brasil*, ano 01, nº 01, p.28-29, ago.2007.

negação do esforço de Sade, por vezes indo na contramão dos entendimentos de intelectuais renomados, em romper com propostas que circularam no fim do século XVIII. Além disso, podemos discutir em que medida reinterpretá-lo numa atualização não redundaria numa nova forma de encarceramento. Ao destacá-lo de seu mundo, perdem-se a direção da crítica e o sentido das enunciações feitas por Sade, sendo possível apenas uma percepção geral de seu discurso, tomado em camadas de significado superficial e de valor estético geral.

Tendo atenção a essas questões, pautamos nossa leitura de Sade pela busca de entender os textos do autor numa circunscrição sócio-histórica. Desde os primeiros contatos com Sade, quando da leitura de *La philosophie dans le boudoir*, operaram-se mudanças no caminho interpretativo, com o aparecimento de recortes e escolhas pautados por esse interesse de reconduzir o Marquês ao seu tempo. O interesse pelo pensador, inicialmente motivado pela proposta republicana, pautada na liberdade dos desejos e ancorada no direito à posse do corpo, deu lugar aos questionamentos relacionados não aos mecanismos de repressão de nosso tempo, mas aos sentidos de compreensão do corpo na sociedade do Antigo Regime. Em detrimento dos movimentos de políticas que conduziram o Ocidente à Era Vitoriana (se é que este conceito seria aplicável de forma satisfatória a todo o Ocidente), priorizamos uma leitura de Sade mediada pela compreensão histórica, numa busca pelo encontro não apenas das referências literárias e filosóficas explícitas e implícitas em seus textos, mas de uma biblioteca à qual ele recorria como inspiração. Nesse sentido, ao diálogo de Sade com seus contemporâneos — naquilo que Bakhtin indica estar presente nos

discursos, já que eles respondem sempre a outro⁶ — somaram-se a atenção às pesquisas feitas por Sade sobre um passado literário e uma tradição cultural que lhe parecia capaz de sinalizar respostas para os problemas vivenciados na França de seu tempo. Num abandono progressivo de uma leitura que toma Sade como libertador dos desejos, caminhamos para uma compreensão mais conservadora do Marquês, num encaixo da análise de Simone de Beauvoir, publicada em 1955 e provocativamente intitulada *Faut-il brûler Sade?*.

Dizer sobre um entendimento mais conservador dos textos de Sade não resulta em afirmar uma impossibilidade libertadora. Na verdade, abrem-se justamente novas perspectivas, pois não se toma o resultado pelos fatores que lhe antecedem. Isso funcionaria como uma negação de qualquer possibilidade de ver Sade como predecessor de qualquer pensador, como Nietzsche, Apollinaire, Freud, Georges Bataille, Lacan etc., ou quaisquer movimentos artísticos e sociais do fim do século XIX ou do século XX. Sade não poderia eleger um caminho de continuidade futuro, já que nem mesmo o pensamento segue uma linearidade ou se faz teleologicamente. Desse modo, quaisquer vínculos entre Sade e a rebelião e a crítica às tradições iluministas clássicas e cristãs, tais como produzidas a partir das últimas décadas do século XIX, resultam de um desejo em recompor fios partidos e num esforço de legitimar uma antecedência justificadora de libertação. É o esforço de compreensão dos participantes da agonia do fim do século XIX e

⁶ Destacamos dois trechos de Bakhtin sobre a presença do outro no discurso: 1) “As *tonalidades dialógicas* preenchem um enunciado e devemos levá-las em conta se quisermos compreender até o fim o estilo do enunciado. Pois nosso próprio pensamento — nos âmbitos da filosofia, das ciências, das artes — nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento.”; 2) “Os outros, para os quais meu pensamento se torna, pela primeira vez, um pensamento real (e, com isso, real para mim), não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal. Logo de início, o locutor espera deles uma resposta, uma compreensão responsiva ativa. Todo enunciado se elabora como que para ir ao encontro dessa resposta.” BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*, p.317 e 320. As análises de Michel de Certeau também apontam para o papel ativo dos sujeitos nos processos comunicativos. Cf. DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*.

do século XX que tece a trama. Entre eles e Sade, entretanto, apenas há um tanto de raridade e descontinuidades.⁷

O mesmo problema poderia ser colocado ao se pensar a biblioteca de Sade e as referências que lhe antecedem. Nesse caso, contudo, a diferença está dada pela eleição que o próprio pensador faz de seus predecessores, numa atitude que buscar criar vínculos que unem o diferente por escolhas pessoais. Não se vê mais Bocaccio ou os contos das *Cent Nouvelles nouvelles* como precursores de Sade; pelo contrário, é ele quem os elege como ponto de referência.⁸ Ao fazê-lo, entretanto, ele os dobra, submetendo-os a seus desejos, como numa operação que desloca a cultura renascentista para que ela esteja a serviço dos debates das Luzes. É por meio de um olhar para o passado, pela leitura de clássicos e de autores que lhe eram contemporâneos, que Sade produziu-se como pensador, criando reflexões próprias. Seu conservadorismo afirmou-se a partir de uma consciência do momento em que vivia e, também, pelo diálogo com aspectos decadentes da cultura francesa, olhando-os em suas propriedades de força e vivacidade.

Importa não buscar nessa genealogia do pensamento uma composição estética fechada em si mesma. Não se trata de um esforço de origem, e sim, de uma busca pela emergência dos enunciados, pelo acompanhamento das forças em conflito e de como elas se enredam para compor uma trama textual específica. Trata-se de empreitada complexa, pois implica em colocar-se de costas ao futuro de Sade, num desejo de esquecer o que a França realizaria durante os dois séculos

⁷ “A intuição inicial de Foucault não é a estrutura, nem o corte, nem o discurso: é a *raridade*, no sentido latino dessa palavra; os fatos humanos são raros, não estão instalados na plenitude da razão, há um vazio em torno deles para outros fatos que o nosso saber nem imagina; pois o que é poderia ser diferente; os fatos humanos são arbitrários, no sentido de Mauss, não são óbvios, no entanto parecem tão evidentes aos olhos dos contemporâneos e mesmo de seus historiadores que nem uns nem outros sequer os percebem.” VEYNE, P. Foucault revoluciona a história. In *Como se escreve a história*, p.151-152.

⁸ Cf. LE BRUN, A.; PAUVERT, J.-J. Notice bibliographique. in SADE. *Oeuvres complètes du Marquis de Sade*. Tome 12 : Historiettes, contes et fabliaux, Projets et plants ; Les infortunes de la vertu ; Eugénie de Franval, p.11 e 212.

que lhe sucedem. Nessa operação delicada (e provavelmente falha, pois como tudo esquecer?), tivemos que retomar a França em seus pormenores, porque mesmo que a Europa já tivesse afirmado uma identidade secular no século XVIII, entendemos haver impossibilidade em reduzir a França e a língua de Rabelais, Racine, Molière, Corneille e Descartes a qualquer outra cultura. Não buscamos, entretanto, ver a nação num período anterior à circulação mais ampla desse tipo de sentimento de identidade, e sim, a pátria como lugar de nascimento e como referência social a qual não se pode escapar.⁹ Por um lado, estivemos atentos a Europa e, por outro, tratamos de refletir sobre a história da França em associação com as especificidades da vida de Sade: francês de origem nobre; ocupante de cargo militar; e prisioneiro por mais de 30 anos durante sua vida.

Buscar uma genealogia do pensamento requer, antes de tudo, um esforço de parâmetros. Não havendo uma linhagem pronta, não seguindo o pensamento um caminho linear e não sendo acessíveis os desejos e intenções dos sujeitos senão pelos traços explicitados em algumas notas e apontamentos (seriam esses em parte verdadeiros? não corresponderiam também a enganos ou talvez tentativas de identidades que se quer representar para si mesmo?), o historiador corre o risco de perder-se. Se, por um lado, busca-se o pensamento em sua emergência, por outro, faz-se necessário algum conhecimento do universo dentro do qual ele esteve presente, numa elucidação dos debates que lhe circunscreviam.

O problema que aparece então é de outra natureza, nem mais ligada aos seus eleitos nem aos que lhe sucedem (aqueles que ele não conhecerá).

⁹ Segundo Lucien Febvre, a palavra pátria data do século XVI, assumindo “ressonâncias carnis profundas” na medida em que serve de evocação da terra e dos mortos — “a terra, esse grande ossuário dos mortos”. Já a nação vai se produzir pelo enfraquecimento do sentimento de pátria em decorrência do estabelecimento da monarquia absoluta, representando a articulação de grupos (famílias, profissões, escolas, igrejas) numa subordinação comum. “A Nação é a tomada de consciência de uma história que age perpetuamente sobre um ideal, de um ideal que age perpetuamente sobre a história.” FEBVRE, L. *Honra e pátria*, p.152 e 156.

Atormenta-nos o presente que lhe é imediato, pois nele parecem estar as chaves dos sentidos dos textos. O presente do passado pode ser tomado como ponto de subordinação, jaula dentro da qual Sade caminharia. Maiores ou menores, as portas se abririam para que o prisioneiro andasse em outros caminhos, não numa demonstração da possibilidade de liberdade, mas numa clara ampliação do local da pena.¹⁰ A história invocaria, desse modo, os sentidos dos sujeitos e de seus enunciados, cabendo ao historiador tomar a palavra para superar os silêncios.¹¹

Contra essa subordinação contextual, optamos pela história geral, numa negação de qualquer busca pela reconstituição da forma de conjunto da história e das civilizações. Desse modo, a França e a dita história moderna não subordinariam o pensamento de Sade, mantendo-o atrelado a qualquer centro único ou eixo explicativo. Pelo contrário, em nosso esforço de visualização da dispersão, multiplicam-se as discontinuidades entre os enunciados de Sade e o de seus contemporâneos.¹² Resta-nos tentar compreender os regimes de enunciação, sabendo que há nisso hiatos e silêncios insondáveis.

O resultado é a negação de processos contínuos de historicidade. Não buscamos acompanhar Sade em vínculos com uma História da Pornografia, nem uma História da Literatura Erótica, ou ainda uma História da Libertinagem, titulações com as quais os pesquisadores têm nomeado os estudos sobre algumas práticas e costumes sexuais relacionados ao corpo. Adotando caminho diverso e buscando elucidar os regimes discursivos a partir dos quais Sade operava, retomamos os conceitos de *libertinagem*, *erotismo* e *pornografia*, não a fim de

¹⁰ Enfatizamos na apresentação metodológica da análise que Ginzburg fez do moleiro Menocchio a ideia da existência de uma “jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um”. Cf. GINZBURG, C. Prefácio à edição italiana. In *O queijo e os vermes*, p.27.

¹¹ Cf. ALBUQUERQUE Júnior, D. M. de. Menocchio e Rivière: criminosos da palavra, poetas do silêncio. *Resgate — revista de cultura*, Campinas, nº 02, 1991, p.55.

¹² Cf. FOUCAUL, M. *A arqueologia do saber*, p.11 et seq.

recompor nova periodicidade historiográfica, mas no esforço de entender o processo enunciativo que circunscreveu a formação das palavras e o aparecimento de gêneros textuais, na França moderna. Trata-se de entender, como afirma Deleuze (ao comentar o trabalho cartográfico de Michel Foucault), a composição da sociedade e seus discursos pela superposição de mapas: “ao lado dos pontos que conecta, pontos relativamente livres ou desligados, pontos de criatividade, de mutação, de resistência”. Em vez de um todo, “a partir das ‘lutas’ de cada época, do estilo das lutas” compreende-se a sucessão de mapas sobre as discontinuidades.¹³

A biblioteca utilizada por Sade, sua operação escriturária e o acervo crítico de seus textos podem, a partir daí, ser vistos sob óticas diferentes. O processo tenso de criação subjetiva experimentado por Sade fica, por um lado, atravessado pela multiplicidade de enunciações com as quais ele se defronta. As recepções de seus textos, por outro, assumem diferentes sentidos: enquanto o pensador ainda estava vivo, constituíam-se como respostas hábeis a gerarem réplicas e trélicas; após sua morte, resultavam (e ainda resultam) em processos de consolidação de leituras canônicas, quer pela constituição do banimento ou do resgate de seu pensamento.

Por fim, parece-nos ser necessário falar sobre a modernidade do pensamento de Sade, já que a temática é recorrente. O melhor seria desconsiderar a questão, numa fuga, mesmo que temporária. Fazê-lo, porém, implicaria em omissão diante da polêmica das análises feitas sobre o autor. Também seria uma alternativa adotar uma postura retórica de perguntar “Qual modernidade?”, seguindo aí uma eleição das várias facetas possíveis nas possíveis respostas.

¹³ DELEUZE, G. *Foucault*, p. 53.

Novamente, uma omissão. Contra essas possibilidades, buscamos entender, pela mudança do regime de discursividade, as transformações inerentes a essa ideia. Para que não partamos sem rumo, se a modernidade indica alguma possibilidade de existência do sujeito com consciência de si, Sade tinha autonomia e percepção de seu tempo. Certamente isso não coloca um ponto final ao problema. Serve, no entanto, de marco inicial para a investigação de novos sentidos e relações que perpassariam os textos de Sade, caso nos atentemos para ele num sentido sócio-histórico.